



Julio Rosalvo  
(Pseudônimo de Antonio Duarte  
Leite da Silva)

Altos e Baixos

1875

LITTERATURA  
ALTOS E BAIXOS.<sup>1</sup>  
(Polemica Litteraria)

Á Luiz Lambert.

Meu amigo deve se lembrar da nossa ultima conversa em sua casa, sobre o assumpto de que se occupa o meu artigo de hoje. Si sou o primeiro a dar publicidade ás opiniões que então aventei, bem sabe, que não é por vã gloria, e sim por consequencia de um acordo mutuo.

Sua penna bem aparada, seu estylo melifluo e corrente nelhor abriria as portasá discussão em que só tomo parte, para ter o prazer de ouvil-o, mais uma vez, de applaudir a maneira por que se sabe levar nas questões de alta intelligencia, como sempre, nos torneios da palavra fallada.

E, demais, naquella conversa que aspirou as glorias de uma discussão, houve um compromisso que era preciso realisar e que eu reputo um compromisso de honra!

Neste sentido suas idéas não se hão de afastar das minhas; e, como estas lettras obscuras são destinadas apenas a si e mais meia duzia de amigos, sei que não me crimirão por obtuzo, ainda mesmo que á alguns destes, o que ahi fica, pareça subterfugio empregado para confecção de um exordio!

Como quer que seja, já me não pertenço, neste negocio, e o exercito aguerrido dos meus admirados ahi està por si, por sua consciencia valiosa à supprir as faltas de que por ventura o faça responsavel a impericia de seu admirador.

Sou apologista dos altos e, nem sei mesmo que de bôa fé alguém espoze a causa dos baixos!

Lanço os olhos por sobre a nossa historia patria, por sobre os ramos da vila social, e quanto tenho á admirar os altos feitos dos grandes homens! A grandeza é em tudo o distinctivo com que se sellão as acções nobres!

Ninguem affirmará que a baixeza possa fazer proselytos.

No mundo vegetal são as grandes arvores q' embellezão os bosques; no reino animal são os passaros, que mais alto voão, que fazem o orgulho de sua especie.

Como não é bonito o dizer-se: ali vae um grande homem, uma senhora de alta fidalguia.

A baixeza só pode exprimir um contraste.

---

<sup>1</sup> ROSALVO, Julio. Pseudonimo de, SILVA, Antonio. Altos e Baixos. **Jornal do Pilar**, Pilar, ano 3, n.88, p. 2,3, 08 de outubro de 1875



Quando se diz Fulano é um homem baixo, nasce logo contra o individuo de que se falla uma especie de odio ou de escarneo; de odio se trata-se de sua baixeza moral, de escarneo si elle, phisicamente, é o que chamão as moças – *marca de Judas!*

Quantas vezes o leitor não tem visto um desses homens *pacovas* rodeados pela estudantantagem que serve-se de si, como de uma bolla de bilhar: Lá vae elle – *zápe!*

E o pobre coitado lá anda a jogar a cabra cega, de um para outro lado, entre a risola da rapaseada!

E tudo isto porque o seu unico defeito é ser baixo! Os proprios que lhe dizem ter amizade, nem estes mesmos o respeitão!

– Até Maneco!

– Desculpa, meu santo Onofre de botica!

Está decedido que o homem baixo parece até que zomba de si mesmo; tem horas em que lança em torno um olhar prescrutador; que analisa-se cm certa calma; que recorda todos os ditos que ouvio, todas as pilherias que lhe jogaram; e, então, exclama desesperado: na verdade, Deus foi bem economico na minha constructura!

Si eu fôra como o mano Janjão – que bello rapaz não seria! Que porte elegante, que figura esbelta a delle!

Quando o vêem passar todos levantão as vistas em signal de respeito; parecem render-lhe um culto!

Janjão é muito feliz; aquelles que o encarão face a face, precisão olhar para cima; é lá onde se avistão as estrellas que se engastão na alta cupula do céu; é lá onde passeião as nuvens que se estendem pelo firmamento como lençóes de prata, alvas comom as gottas do orvalho, que se pendura do calix das flores, das ramas das palmeiras.

Enquanto que, todos abaixão as vistas para me enchergarem!

A minha figura de pygmeu parece que gera o pejo; todos me olhão com um certo desdém, si não com indifferentismo!

Outro dia fui pedir lume a um desconhecido para accender o meu cigarro, respondeu-me *Deus te abençoe!*

E um companheiro com quem vinha rompeu n'uma gargalhada diabolica!

Impertiguei-me, torrei os bigodes, regalei os olhos, e quiz esticar como a raida fabula, para infundir respeito!

Gritou-me do lado a molecage: olha o *gafanhento de cazaca!* Olha o *socó manteiga!*

Avaliem o meu desapontamento!

N'outra occasião, amava a uma linda rapariga, tinha, mais que eu, doze pollegadas de tamanho; era uma senhora encantadora!

N'uma partida ou reunião familiar, cometti a indescricção de lhe pedir um beijo!

A moça chamou por uma de suas amigas e disse:

– Ouviste, Chiquinha? O Zéca me pedio um beijo!

– Manda-o subir no teu pianno, que ainda assim não te alcançará!

Nova decepção! Desesperei! Um dia tive idéas de borrar pernas suppostas, cheguei a ensaiar em casa!

O mano Janjão dessuadiu-me desta palhaçada...

São as historias q' a cada passo andão a contar os homens bonecas; em lucta continua com o seu estado phisico, soffrem dia a dia as consequencias que lhe acarreta o todo mycrosopico.

Não ha gentileza e nem favor em ser pequeno.

Pequenas ou baixas são todas as pessoas ou cousas mesquinhas, sem valor intrinseco.

De um predio, por exemplo, os altos representão o seu valor, os baixos são, quando muito, os accessorios.

Quando se trata da Divindade, de suas obras, não se diz a *baixa*, e sim a alta misericordia de Deus, seus grandes feitos, sua infinita bondade, seu infinito amor.

A palavra alto ou grande serve sempre de exprimir o que ha de mais querido na terra e adorado no céo.

Altos são os mysterios do Creador; altos os desiguos da Providencia; altissima a omnipotencia de Deus.

Baixas são as ciladas do demonio para perdição das almas; baixas as obras dos máos e a condição dos precitos; baixos são todos aquelles com quem nos furtamos de humbrear.

A grandeza exprime a divindade, ou é o transumpto da creação.

Ser grande é ter completado uma das supremas leis da Natureza, o pensamento do Creador dos mundos, na confecção de sua obra mais perfeita.

Desde as pyramides do Egypto, aquellas maravilhas que despretão a justa admiração do viajor que se lhe aproxima; desde aquelles simulacros de montanhas, como disse Velney, que fogem á proporção que nos avizinhamos, e na distancia de uma legua apparecem, como si a tivéssemos á mão; desde as pyramides que ao tocarmos, tomamo-nos de uma verdadeira sensação, duvidosos de que a fraqueza humana podesse construir aquella obra que ha resistido á ação destruidora do tempo, ao vento e ao sol quente dos desertos, no meio das ruinarias que avassalaram o Egypto; desde ellas até as nossas esbeltas palmeiras, que são a copia do que ha

de mais poetico nas nossas florestas; as nossas palmeiras que representam as virgens dos nossos sertões, namoradas pelos sabiás que vêem contar-lhes suas queixas á hora do crepusculo, fazer-lhes as despedidas, dizer-lhe o derradeiro adeus; tudo tem uma predilecção pelas alturas, tudo se aproxima dos cumes, porque os baixos só se fizeram para as aves da noite, para as naturezas acanhadas que não podem subir nem remontar-se á eternidade.

O meu amigo está bem convicto dessas douctrinas, que são as maximas da verdade, e não creio mesmo que de coração se atreva a contestar-me, a sustentar o contrario.

Já é tempo de concluir este trabalho, mal principiado, e mal acabado emfim.

Esperarei agora pela sua refutação que virá encher-me de enthusiasmo, e talvez uma scintella de seu bonito talento possa illuminar-me a imaginação.

Si não for, então, profundo na minha segunda carta, tenho esperança de ser menos insipido.

Pilar, 2 de outubro de 1875.

Julio Rosalvo.

LITTERATURA  
ALTOS E BAIXOS.<sup>2</sup>  
(Polemica Litteraria)

Á Luiz Lambert

Meu amigo, a sua carta passada produziu-me sentimentos oppostos; ao tempo que fiquei satisfeito, dominou-me um quer que seja de desprazer! Achei-a muito bôa e muito má!

Muito boa na confecção dos periodos, no tom magestatico de sua linguagem vigorosa; e muito má pelos fins que se propõe advogar, uma causa perdida, que só achará patronos na imaginação caprichosa de quem escreve por distrahir-se, ou para ostentar a fecundidade de um talento festejado. Está excellente na fôrma, mas pecca na baze, crime de leza-razão, que, como sabe, não tem circumstancias atenuantes no codigo litterario!

Tratando dos altos não tenho uma aspiração, pago um tributo; e tanto mais suave quanto não me foi e nem me é imposto.

Ha de convir que são rarissimas nesta epocha as abnegações de proprio orgulho. O preceito do poeta latino não me pode ser consignado.

---

<sup>2</sup> ROSALVO, Julio. Pseudonimo de, SILVA, Antonio. Altos e Baixos. **Jornal do Pilar**, Pilar, ano 3, n. 89, p. 2,3, 16 de outubro de 1875

Muito mal iria a sociedade si cada um de seus membros se fizesse arauto de sua propria figura: teriamos um mundo ao geito de todos, mas um mundo de narcizos!

Já vê que por tal preço não valeria á pena.

Para mim a virtude será sempre a mesma; assim como o vicio: esteja aquella do lado de meus inimigos, ou este de meu proprio lado; aquella coberta de andrajos ou este coberto de perolas!

Sou neste ponto inexoravel, de uma severidade prodigiosa.

Esqueçamos-nos, por isso, de uma formação que não vae por minha conta e nem por sua tambem.

Investiguemos somente o ponto principal desta polemica, isto é, a superioridade dos nossos constituintes.

O mais é, que não nos passaram procuração!

Ninguem lerá sem descontentamento o quinto periodo do seu escripto, e verá o modo porque estabelece suas bellas primissas para tirar depois conclusões que estão áquem do ponto da partida, donde sahiram!

Dizer-se que nada importa que a Divindade eleve-se ácima de tudo e de sua altura tira a qualidade de sua gandeza quando abaixo de Si há posições invejáveis e que todos nós anelamos, é um bom meio de fazer desfezas; mas tanto importa confessar a derrota de sua causa, meu amigo!

Mesmo o ruim tem o seu mérito relativo; nada é imprestável no mundo; o peor dos gostos apresenta-se, ás vezes, si não como o melhor, ao menos como um bom gosto. Isto, porem, não quer dizer que na verdade o seja.

Pedro podia ser muito feliz, e não o é; mas o que importa si vive alegre com sua sorte, si vive satisfeito?

Deve concluir-se d'ahi que Pedro desconheça sua desdita ou que ôa razão o ulgue venturoso?

A quem sustentasse tão absurda proposição, chamaríamos pretencioso ou – ririamos de sua tolice.

Sim, ábaixo de Deus há posições invejaveis, mas isso não explica que os aixos sejam superiores aos altos. Invejaveis pra quem?

– Para os que não podem tocar com a frente a alta cupula dos ceus, para os que estão áquem dessas grandezas, e que não téem remedio si não conformar-se com sua baixeza.

O egoismo humano, ahi, tem o que quer que seja de sagacidade.

De outra forma fôra insupportavel.

E já que procurou fundamentar suas razões na Bíblia, vou mostrar ali mesmo a tendência da geração para subir.

O que deu causa á culpa original?

Adão não peccou, como diz a tradição, por q' quiz igualar-se ao Creador? Não vê o meu Luiz nesta pagina eloquente da historia primitiva que subir foi a primeira aspiração do homem quando no meio das bellas do paraizo terreal, sentio-se pequeno, e lhe disse o coração, q' elle não devia continuar no estreito circuito em que vira o mundo?

Si a queda foi um castigo, o que foi a reabilitação, si não o premio do exforço?

Pense bem, Luiz, que o homem não tivesse aquella aspiração: o que seria hoje tudo que o cerca, a sciencia moderna, as artes, as bellas artes que hão feito o orgulho de nosso seculo?

Condemnado ás revellações, ao mingoado pão do espirito, o homem nunca cnheceria o trabalho, que em vez de pena, para as almas privilegiadas é um dos supremos bens da vida.

A mulhers, no seu perpetua estado de innocencia, como fôra a mulher primitiva, não bastaria a complectar o seu destino.

Cêdo chegaria o tédio, e a humanidade estacada no primeiro passo da criação, não representaria mais que alguns volumes de uma obra truncada!

Assim como para a reabilitação houve o sacrificio de um martyr; para a propagação da especie ja tinha havido o sacrificio de outro!

– Adão expellido do paraizo pelo anjo da espada de fogo, e Christo pregado na cruz pela sentença iniqua de Pilatos!

Adão elevou o homem fazendo-o primeiro sociedade, depois povo: Christo eleveou a especie mostrando com sua morte que, para remontar-se ás alturas infinitas do céu, era preciso o sacirficio do corpo, por conseguinte, do baixo, sobre a supremacia da alma, por conseguinte, do alto!

Isto não se daria, si Adão fosse formado menino; passando por todas as variações phenomenaes: do féto ao parvulo, do parvulo ao mancebo, do mancebo ao homem!

Deus não quiz o homem pequeno. Quando vemos algum desses “rolhas de botija” lembramo-nos do que disse o poeta:

“Tu não nasceste p’ra homem,  
nasceste para menino,  
a natureza enganou-se;  
és um homem pequenino!”

Crescer é a lei fatal da natureza.

É a terceira base do triangulo da vida: – nascer, crescer e morrer.

As praias não são baixas como dizes, Luiz. O que dirias de um gigante deitado? O mar banhando-as com suas ondas, presta um culto áquella grandeza decahida. Si um dia elle quizesse transpol-as, veria aquelle gigante levantar-se, desenvolver-se, tomar altura para impedir-lhe a passagem! Os comoros dão uma idéa aproximada do que então succederia; as penedias, os rochedos, no alto mar, vigiã quaesquer tentativas; no cazo de revolta, elles darião signal e seria soffocada são as atalaias do deserto!

Os humildes de que falla o Evangelho, decerto que não são os aixos; aquelles deus eleva na sua infinita justiça, são os mais altos q' a religião conhece; os baixos, esses são os orgulhosos, são os que Deus humilha.

Porque a humildade de natureza é a grandeza do coração, e o orgulho a baixeza.

A humildade é o primeiro degráu da escada que conduz para o céu; o orgulho é o declive por onde se desce até o inferno!

Os altos, posto que para beijar as amantes não precisam subir aos pianos, nem por isso são perniciosos á moralidade e paz das familias, como diz o meu Luiz; é justamente por essa qualidade que inspirão maior confiança.

Todo pygmeu é audacioso.

Quando amantes são capazes de passar pela brecha de uma fechadura: quando amados pelo fundo de uma agulha!

Qualquer namoreira sonsa pode trazel-o sem ser visto, no bolço do vestido, ou prezo á cadeia do relógio. Pode-se tomar por algum sinête!

O pae, que passou á porta sem o seu luneto aos olhos nem suppõe que o pirralho esteja a cochichar com a filha. O amigo que precede vae sabendo que a rapariga namora ao “biltre”. E elle pensando que a menina brincava com o primo Manéco!

E tudo passa em silencio, menos para o publico que já falla á occa pequena das aventuras do *Petilmaitre*.

Pozessem no seu logar um homem alto! A cousa era outra! O pae encheria o escandalo,e, adeus, minhas encommendas, lá se ia de aguas ábaixo o tal namoro!

Para o exercito, para essa guarda temeraria, que mantém os brios da patria e conserva illeza a dignidade nacional, ser baixo, é ser isempto do serviço.

Aproxima-se o indeviduo da craveira, e uma polegada de menos do natural, é considerado invalido!

Baixo era Vicente de Paula, o caudilho q' longos annos ensanguentou esta provincia.

Baixo era Calabar, que trahiou a patria para escravisal-a ao jugo dos tyrannos.



Alto era o desembargador Nunes Machado, o maior patriota que o Brasil possuiu, o maior coração que conheceu, na justeza e severidade de principios.

A altura quadra nos carvalhos e nas arvores que dão fructos; a baixeza na ortiga e nas estereis.

Diz-se homem de baixa condição para exprimir a rudeza do trato e a villania das acções e de um indeviduo.

Messalina era mulher de baixa condicção.

O povo é o mais alto dos poderes. Collocados o rei e povo nas conchas de uma balança, o que ficar de cima será o baixo, o outro será o alto. É uma perfeita anthitese!

Magalhães o poeta diplomata, não é baixo, que o disse “... Reis faz o povo e a seu grado os desfaz, como do marmore tira o esculptor um numee quando apraz-lhe em simples animal converte ou quebral-o!”

N’um paiz como é o nosso, meu amigo, nunca verei o rei em cima e o povo em baixo.

Não sou adepto do poder pessoal.

A sua optica neste ponto enganou-se!

Em cima quiz viver tambem Luiz XVI, mas foi precitado de um cadafalso e ficou eternamente em baixo. O mesmo aconteceu a Maximiliano, no Mexico!

Temos ainda o exemplo qm nossa terra; lance um olhar retrospectivo para o segundo reinado!

Meu Luiz, pense bem que sua causa está irremediavelmente perdida!

A pericia de sua advocacia não a salvará!

Veritas super Omniu. E Deus está do lado da verdade.

*A, tantôt.*

Pilar – outubro de 1875

Julio Rosalvo

LITTERATURA  
ALTOS E BAIXOS.<sup>3</sup>  
(Polemica Litteraria)

Á Julio Rosalvo

Temol-a travada! Não ha o que duvidar.

Os altos tocaram á quarteis e arrebatados pela palavra de seu exforçado defensor, põem em alarma toda a cidade.

Cabelleira, Joaquim Caianna, antonio Muçu, Pedro Grande, Quaresma, Rita Lucena, Maria Gomes, Joaquina Homem, toda essa sucia de varapáus, todos esses pontos de admoração, toda essa cohorte de magriços, cahiram sobre mim!

Mas não esperem triumphar!

Si Julio Rosalvo com a verbosidade maravilhosa com que disserta de *omne re scibile*, atirando ao mundo paradoxos, que a sua palavra unge e embelleza; poude animal-os um momento e fazel-os sonhar certa a victoria, não se illudão nem se orgulhem.

Aquelle: – veritas super omnia – é a rocha Tarpeia que os attrahe e de onde vão ser precipitados.

O peor é que Julio, convencido da inferioridade de seus clientes, arma a sua credulidade, escavando na historia sagrada e profana, donde tira argumentos contraproducentes em favor de seus constituintes.

O que deu causa à culpa original? – Pergunta elle em seu segundo artigo.

Fio o dezejo de elevar-se, foi a ambição do primeiro homem, que não se poude contentar com as alegrias innocentes, com o viver humilde, mas delicioso do paraizo terreal. E subir foi sua primeira aspiração.

Engano!

Ou a reabilitação é uma ascenção ou não é. Si adimittirmos a affirmativa, devemos convirem que a queda foi uma injustiça, si a reabilitação deve ir além da posição perdida pela transgressão do preceito édenico. Si não é uma ascenção, ou quando muito si o é sómente até chegar á posição em q' Adão se achava no Edem; então, meu Julio, confesse que o seu argumento, por improducente, não destróe a supremacia dos baixos.

Ainda mais: – Si foi a queda que bos trouxe o trabalho, um dos supremos bens da vida, e com o trabalho as bellas artes, a sciencia, a civilização e o progresso, sem que cêdo chegaria o tedio e a humanidade estacaria no primeiro passo da creação; então felicitemo-nos por essa primeira rebeldia, abençoemos essa queda q' trouxe nos flancos o feto de nossa futura grandeza, de que Deus queria privar-nos e, representa hoje o premio de nossa primeira culpa.

---

<sup>3</sup> LAMBERT, Luiz. Altos e Baixos. **Jornal do Pilar**, Pilar, ano 3, n.91, p. 2,3, 24 de outubro de 1875

E si assim foi; si foi necessario que o primeiro homem cahisse para o mundo obter os maravilhosos inventos, as surprehendentes descobertas, as sobrebas conquistas que o espirito humano tem feito em todas as ordens de conhecimento, em todos os ramos de actividade; e si ninguem cahe para o alto; não vê que ao *baixo*, isto é, a posição em q' Adão ficou, cahindo, devemos todas as preconisadas vantagens das civilisações decorridas desde esse feliz acontecimento até hoje?

Não seria melhor que Julio reconhecesse a improcedencia desse argumento para não levar-nos a assinalar as consequencias que naturalmente decorrem de similhantes premissas!

Assim como para a reabilitação, diz elle, houve o sacrificio de um martyr, para a propagação da especie já tinha havido o sacrificio de outro.

Receio muito entrar na analyse do primeiro ponto; porque sempre tive como certo que a morte de Christo não deve ser equiparada a um desses premios que os mestres distribuem pelos discipulos e com os quaes estes se livrão dos castigos de que os tornão mercedores as suas faltas futuras.

Si assim fosse, si bastasse o sacrificio voluntario d'aquelle grande espirito, em cuja consciencia a idèa do dever tinha chegado ás mais esplendidas manifestações e cuja abnegação tornou se o typo da caridade por elle ensinada, como a mais bella das virtudes, porque, morrendo pela sua douctrina, de que esperava o aperfeiçoamento do genero humano, ensinava-nos a pôr a dedicação em bem do proximo ácima do amor á nossa propria existencia, si bastasse esse sacrificio, diziamos nós, para a humanidade julgar-se salva sem carecer de imitar seu Salvador e observar as suas leis, então deveriamos riscar da consciencia a idèa do bem, do justo e do honesto, porque o bom e o máu, o virtuoso e o reprobado, regatados pelo mesmo sangue, não tinham a esperar destinos diversos. Merito ou demerito serião desde então palavras vazias de sentido.

Não; nós pensamos de diverso modo. Propondo-se encaminhar o genero humano á perfeição, illumindano-o com o seu verbo, animando-o com seu exemplo, estimulando-o com suas promessas, elle previo que a missão iria terminar no sacrificio de sua vida, no derramamento de seu sangue, no soffrimento das mais fortes angustias, das mais acerbas agonias, e, não trepidando, a sua dedicação foi mais sublime, a sua obra foi mais complecta.

Deus que poz nelle todas as suas complacencias; como seu filho predilecto, deu ao seu sacrificio a fecundidade que merecia, e a sua douctrina em breve fez a conquista do mundo e brotaram della com prodigiosa efflorescencia todas essas grandes civilisações, que o mundo tem visto, desenvolver-se desde esse grande acontecimento.

Quanto ao segundo ponto desse periodo, não creia que para a propagação da especie houvesse sido necessario o sacrificio de Adão.

Assim como não creio que Deus estivesse parado até a criação do nosso planeta, que pretendem ter sido a primeira manifestação de sua actividade infinita, assim também não creio que fosse elle forçado a sahir de seu plano pela transgressão do preceito que impozera a Adão.

Deus infinitamente sabio, poderoso e activo, e existindo *ab\_eterno*, devia conhecer-se obrando, isto é, nelle existir, pensar, querer e obrar foram cousas que não tiveram principio.

Procurar pois em suas obras aquelle que primeiro traduzio o exercicio de sua actividade, é querer assignalar o ponto de partida de sua existencia, o que é absolutamente impossivel e contra a idéa que delle formamos, auxiliado pela razão e pela fé.

A ordem q' se vê na criação, a profuzão dos seres e os fins a que foram destinados, repellem a idéa de esterilidade no primeiro par que despretou no edém. A fecundidade em todos os seres faz presumir a fecundidade naquelles a cuja vontade ficavam sujeitos.

Ou Deus não tinha até então concebido a idéa de crear mais que dois espiritos, que collocou no paraizo terreal, ou o *façamos o homem a nossa imagem e similhaça*, – traduz a criação de todos os espiritos que têm de constituir a humanidade até a consumação dos seculos. No primeiro cazo não teria sido a queda de Adão que o faria corrigir o plano da criação; no segundo a queda não é mais do que a expressão figurada de nossa imperfeição, que devemos perder pelo labor incessante de todas as gerações, até tocarmos a unidade que é o alvo final a que tendem os espiritos.

Deste modo, e sé assim, podemos reconhecer a solidiedade da humanidade no aperfeiçoamento deste mundo, cujo plano poe Deos concebido, somos chamados a realizar.

Não negamos o castigo; mas queremos a reabilitação para todos, e que nenhum espírito se perca, porque para a perfeição foram todos creados.

Os padres creiam o homem para ser justo ou peccador, eleito ou precito, anjo ou demonio.

Não será isto desconhecer o grande plano do universo, e querer que deus em sua justiça não tenha principios mais elevados do que os que segue a humanidade?!

Medite, Julio, no que foi o mundo. Busque daber o que foi a justiça, o que era o direito na antiguidade, e examine as reformas que tem soffrido, os melhoramentos que se não feito em todos os ramos dessa sciencia, q' marcha com o tempo e com as civilisações, e diga-me si o justo, como o bello, como a verdade, e como o bem, não tem um typo fóra de nós que trabalhamos por attingir?!

Si na justiça infinita existisse a condenação eterna, que é o aniquilamento do espírito, onde iriamos buscar melhor argumento para a pena de morte que é o aniquilamento do corpo?!

A humanidade, aperfeiçoando-se pela imitação de seu chefe invisivel que é o Christo, ha de por fim vasar-se nos moldes do eterno destino que a espera.

Mas tudo isto á proposito de altos e baixos!...

Desculpe-me meu amigo, e contenha a sua phalange, si porventura já pensam poder descobrir nesta digressão uma prova de minha fraqueza.

Quando as profecias de que nos fallão os livros sagrados, promettendo-nos um Messias que seria o Salvador da humanidade, ião cumprir-se, nascia na cidade de Bethlém, em uma toca mangedoura, um menino, que os proprios reis vinhão adorar, e que doze annos depois confundia os sabios no areopago.

Esse menino de tão humilde nascimento, que escolhe o mais *baixo* dos leitos para nelle receber os primeiros carinhos maternos, trazia uma grande missão, para a qual não foi recrutar os seus cooperadores nas altas classes sociaes, onde a ocrupção é mais commum e os interesses incofessaveis não admittem a abnegação.

É na *baixa* classe dos pescadores que elle escolhe os seus discipulos, doze homens que depois farão doze apóstolos, dignos, sem duvida, do tal mestre.

Que diz o meu Julio desses dois factos, tão eloquentes, tão presuasivos da excellencia dos baixos sobre os altos?

Ainda repito, meu amigo, que a humildade, que está para o orgulho como o latão para o ouro. No sentir commum em certas regiões sociaes do mundo actual, foi sempre uma virtude de inapreciavel valor, e a humildade e a baixeza, não a baixeza de sentimentos mas aquella de que já nos fallavão os antigoz, quando dizião: *nosce te ipsum* e asseguravam que o mais sabio é aquelle que reconhece nada saber.

Não solta as redeas ao corcel fogoso de sua imaginação. Nesse correr por Darrocaes e montes, na fraze de um dos nossos poetas, deixa planicies que lhe offerecerião uma jornada mais quieta e mais rica de encantos.

Porque não falla da mulher?

Sabe o que é a mulher alta?

É uma cousa que meu Julio não quis escolher para dar-lhe o doce nome de espoza.

Sabia elle que nessas linhas rectas, quaze sempre angulosas, e em todo cazo sem elegancia, ainda quando a nediez transforma o florete em catana, não podia encontrar felicidade.

Nos homens altos a sabedoria é cousa rara, e a estupidez está na razão directa da força q' nelles se desenvolve prodigiosa.

Nos baixos os sentimentos são mais humanos e a intelligencia menos commum.

Para proval-o tambem não careço de ir longe. Procuro na historia desta provincia o desembargador dr. Aureliano Bastos.

Citou-me um; poderia citar-lh diversos. E asseguro-lhe, fui mais feliz na minha citação.

O dr. Arureliano Bastos é de intelligencia robusta e dedicação sem lemites.

Ja leu o Socialismo de Abreu e Lima? Aquillo era um homem baixo, que parecia pequeno para tão colossal illustração. De tempera d'aço, isto era. Podia quebrar-se; mas era impossivel torcel-o.

Baixo era david, fazendo morrer na garganta de Goliah a palavra de escarneo com que recebi a ousadia do pequeno hebreu.

Baixo era Cromowel, esse filho dilecto dos nevoeiros da Gram Bretanha, cuja historia Lamartine descreve no seu immortal *civilisador*.

Alto é um Joaquim Seguro, que a pouco esmolava na cidade do Recife, e que reunia a miseria a afouteza, de modo tal que a Provincia o denomina novo *Lovellace*.

São assim os altos, que se chamem Joaquim Seguro, quer tenham alguns dos nomes que lhe citei no começo desta

Na verdade, si os altos valem alguma couza, si crescer é signal de predestinação, cunho seguro de nobreza, indicio de alta destincção, deve ser bem triste ser alto como Joaquim Caianua, nobre como Antonio Muçú, distincto como Pedro Grande e sobre tudo bella como Maria Gomes!

Julga ainda perdida a minha causa?

A juvenilidade do seu talento de escriptor fecundo e poeta inspirado não salvará os seus admirados do abysmo em que os precipitei.

*Veritas super omnia.*

É tambem a minha diviza e com ella me cobrirei quando cahir, como se envolvia Pedro Affonço com o estandarte nacional quando recebia o ultimo ferimento que lhe tirava a existencia á bordo da Parnahiba sobre as agoas do Riachoelo.

A la reviere  
Pilar – outubro 1875  
Luiz Lambert